

O direito ao grito no Brasil de 70¹

Mestrando Carlos Vinícius da Silva Figueiredo² UFMS

Resumo:

Este trabalho, de caráter bibliográfico, tem por objetivo analisar a obra A hora da estrela (1977), enfocando a relação biográfico-histórico-cultural que atravessa tal produção. Procura-se, aqui, analisar o contexto histórico da época, em específico a década de 1970, e toda transformação cultural que esse período propõe, a exemplo do Regime Militar e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Tem-se como hipótese de pesquisa o questionamento de que Clarice Lispector estivesse, de alguma forma, preocupada com os movimentos políticos e culturais que estavam acontecendo, a ponto de observar tais acontecimentos na construção de suas histórias que, talvez por isso mesmo, tenham um cunho mais realista. Objetiva-se assim discutir o papel da intelectual frente à produção literária de sua época e seu reflexo perante a sociedade..

Palavras-chaves: Clarice Lispector, Intelectual, Contexto-Histórico.

Introdução

Publicada no ano de 1977, a obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, após completar 30 anos de seu lançamento ainda suscita questionamentos acerca de sua abrangência e importância no âmbito da literatura brasileira. Além da tematização da literatura, a obra produzida sob o período de regime autoritário tem como pano de fundo uma reflexão sobre o contexto sociopolítico e cultural em que foi produzida, o que não se pode desconsiderar em sua literatura.

Nossa análise parte, pois, do texto literário enquanto matéria discursiva cultural e trata de forma específica das questões culturais e sociais que permeiam a obra, em que “o leitor estabelece conexões implícitas, preenche lacunas, faz deduções e comprova suposições,” (EAGLETON, 2001, p. 105).

Diante disso, o conceito de cultura, que move esta análise, é aquele advindo não da soma aleatória das diferenças, mas aquele que respeita a diversidade social e cultural como um todo, ou seja, cultura escrita no singular, mas entendida no plural.

Desta forma, enfocamos a pesquisa no estudo de problemas atuais, figurativizados em obra também contemporânea e, mais do que isso, na articulação de temáticas que tocam o País e o mundo. Mesmo que implicitamente, o texto de Lispector sugere um debate político e social, colaborando para a diluição de certezas e submetendo as instituições a uma séria crítica, tendo o exemplo da mulher pobre e marginalizada Macabéa.

1. Contextualização

Grosso modo, tratar-se-á aqui a respeito do contexto histórico-cultural do país, a partir da década de 30 até o foco de nosso objeto de estudo, a década de 70.

Durante o período de 1930-1945, tanto a literatura quanto as artes plásticas no Brasil foram essencialmente “ideológicas”, voltadas que estavam para a discussão dos problemas brasileiros.

¹ Este texto faz parte do projeto de dissertação intitulado *O direito ao grito: A hora do intelectual subalterno em Clarice Lispector*, sob a orientação do professor Dr. Edgar Cezar Nolasco.

² Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas. Bolsista pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFMS.
E-mail: cviniciusfigueiredo@hotmail.com.

Em 1945, terminada a Segunda Guerra Mundial e, no Brasil, a ditadura de Vargas, o mundo passara a viver a Guerra Fria, e o Brasil um período democrático e desenvolvimentista que chegaria à euforia no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961).

Foi em plena instalação do regime militar (1964-1985) - período quando toda liberdade de Expressão e idealismo foi abarcado por um poder opressor - que Clarice Lispector atingiu seu ápice com a publicação das obras *A paixão segundo GH* (1964) e *A Legião Estrangeira* (1964).

A respeito de tal regime, o livro *História do Brasil*, de Boris Fausto, expressa com clareza a imposição ditatorial:

O movimento de 31 de Março de 1964 tinha sido lançado aparentemente para livrar o país da corrupção e do comunismo e para restaurar a democracia, mas o novo regime começou a mudar as instituições do país através de decretos, chamados de Atos Institucionais (AI). Eles eram justificados como decorrência “do exercício do Poder Constituinte, inerente a todas as revoluções” (FAUSTO, 2000, p.465).

No país, com o passar dos anos, se tornava cada vez mais impossível manter os princípios básicos da democracia, inclusive “os estudantes que tinham tido um papel de relevo no período Goulart foram especialmente visados pela repressão” (Fausto, 2000, p.467).

Assim, com o início dos anos 70, década da publicação de *A hora da estrela*, as manifestações sociais se tornaram mais evidentes e foram a prova de força contra o governo, “um verdadeiro clima de terror político que se refletiria num forte controle da produção cultural do país” (FAUSTO, 2000, p.479).

A partir disso, a música ufanista voltou à cena lembrando os tempos de Estado Novo e de Ari Barroso, em *Aquarela do Brasil* (1939) e *Eu te amo meu Brasil* (xenofobia e auto-elogio ao regime militar) (BRANDÃO & DUARTE, 1996, p.12).

Com a chegada do “sesquicentenário”, em 1972, o Brasil completou 150 anos de independência política e, em meio a esta euforia, a esperança fora amplamente disseminada por ações e slogans, como: *Brasil: ame-o ou deixe-o*. De acordo com Brandão e Duarte, no livro já mencionado,

[...] a palavra de ordem era “integração nacional”, tanto para o governo militar, que precisava legitimar o seu poder a todo o custo, para os grandes meios de comunicação, que precisavam atingir todos os mercados consumidores do país para oferecê-los aos anunciantes (BRANDÃO & DUARTE, 1996, p.8).

Criou-se, então, uma espécie de agência de massificação e sofisticaram-se os meios de apropriação de uma cultura popular que monopolizasse a população para uma integração nacional a partir de certos padrões culturais.

Mas esta tentativa de massificação cultural sofreu os reflexos da contracultura, ou seja, “cultura marginal”, “arte marginal”, “arte contra-cultural”, que tratava do inconformismo diante da repressão e do conservadorismo vigentes no país, sendo difundida através das publicações de jornais e revistas como *o Pasquim*, *Flor do mal*, *Bondinho*, dentre outros. Dessa forma, as forças populares em processo de reorganização voltam a se expressar através de manifestações estudantis (1977), e greves que, a partir de 1978, agitavam o ABC Paulista, reivindicando aumentos salariais e liberdade de organização sindical que, por sua vez, impulsionaram também a busca pela abertura política que se concretizaria nos anos 80.

1. 1 O Direito ao grito

Após essa breve contextualização, evidenciamos em *A hora da estrela* o momento de grande lucidez crítica da escritora, tal qual em sua obra toda; nesse livro Lispector expõe sua face frente à história, “porque há o direito ao grito” (LISPECTOR, 1977, p.13), enfrentando questões como a da

injustiça social brasileira e diferenças culturais gritantes, como se ela necessitasse colocar para fora suas angústias e frustrações a respeito da problemática social brasileira.

Com isso, o que se propõe aqui não é uma mera análise superficial da obra literária, mas todo um questionamento que envolve raça, sexo, classe social marginalizada e excluída da cultura hegemônica do País, a exemplo da mulher pobre, nordestina e órfã Macabéa.

Eneida Maria de Souza no ensaio *A teoria em crise*, ao discutir a crise evidenciada pelo título, lembra-nos de:

[...] que não se trata mais de considerar a literatura na sua condição de obra esteticamente concebida, ou de valorizar os seus critérios de literariedade, mas de interpretá-la como produto capaz de suscitar questões de ordem teórica ou de problematizar temas de interesse atual, sem se restringir a um público específico. (SOUZA, 2002, p.68)

Entendemos que Lispector, ao tratar de forma tão específica das questões sociais, políticas e culturais do País, contribuiu sobremaneira na busca por um momento mais digno de expressão nacional.

Para Jaime Ginzburg, é nesse momento que “se encontra na produção da autora, abordagens de temas ligados à precariedade da constituição individual e a dificuldade da sociedade brasileira em sustentar e viabilizar um projeto burguês de modernização” (GIZBURG, 2003, p.86).

Já Rosani Umbach constata que “Clarice Lispector parece querer denunciar uma forma de literatura socialmente descomprometida, que glorifica a simplicidade das classes humildes do povo, questionando o papel da literatura em um contexto social autoritário” (UMBACH, 2001, p. 119).

É fato que a estrela de que trata o pequeno livro é “estrela de cinema”, e que só consegue notoriedade na hora de sua morte, transformando-se, assim, a história da pobre moça na história de tantas outras pessoas no mundo que estão à margem da sociedade.

Talvez seja por isso que, para Lispector, suas personagens sejam todas consideradas subprodutos, “rebotinhos da sociedade”, a exemplo de seu apontamento na dedicatória do livro *A hora da estrela*:

Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo ma-dê (LISPECTOR, 1998, p.10).

Marcada assim por um contexto tomado pela insegurança, a autora se vê cercada pela força do regime militar e pela imposição do AI-5 que assombrou toda a década, vivendo uma espécie de neurose militar, em que a alegria de escrever que impulsionava a vida da escritora era envolta pela profunda tristeza de relatar o que acontecia com o país:

Devo dizer que ela era doida por soldado? Pois era. Quando via um, pensava com estremecimento de prazer: será que ele vai me matar? Se a moça soubesse que minha alegria também vem de minha profunda tristeza e que tristeza era uma alegria falhada. Sim, ela era alegrezinha dentro de sua neurose. Neurose de guerra (LISPECTOR, 1998, p.38).

No livro *Restos de Ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector*, Edgar Cézar Nolasco, percorrendo uma análise biográfica que toma vida e obra na mesma proporção, conclui que:

[...] no início de seu projeto literário, o ficcional seria o lugar onde o traço biográfico se escondia; no decorrer desse projeto acontece justamente o oposto: agora é o ficcional que vai ficar “colocado” ao vivo, confundindo-se com ele. O vivo passa a ser ficção (NOLASCO, 2004, p.78).

Embora Lispector tenha sido caracterizada como alienada e não engajada, poucos conseguiram reconhecer a sutileza e o modo magistral com que a autora se posicionou diante do caos instalado no país.

2. O intelectual revisitado em *A hora da estrela*

Há pouco, traçamos um parâmetro histórico-cultural que atravessou a produção da escritora Clarice Lispector, fator decisivo para a produção da obra em estudo. Passemos agora a refletir acerca do papel do intelectual que vivenciou todo o momento de repressão e censura instaurado no Brasil.

De acordo com Silviano Santiago, no livro *Nas malhas da letra*, uma das funções da literatura no momento histórico e cultural da década de 1970 era:

[...] refletindo sobre a maneira como funciona e atua o poder, a literatura brasileira pós-64 abriu campo para a crítica radical e fulminante de toda e qualquer forma de autoritarismo, principalmente aquela que, na América Latina, tem sido pregada pelas forças militares quando ocupam o poder, em teses que se camuflam pelas leis de segurança nacional (SANTIAGO, 2002, p.15).

No mesmo livro Santiago sinaliza a necessidade de se revisitar o papel do intelectual naquela época, agora com a possibilidade e a contribuição de textos memorialistas e autobiográficos, material este que contribui sobremaneira para o desenvolvimento deste trabalho, citam-se como exemplos: cartas, entrevistas e depoimentos da escritora no contexto vivenciado.

Afirma Santiago num propósito certo ao que buscamos em nossa análise:

Trata-se de buscar textos onde o corpo do próprio autor foi dramatizado enquanto tal por ele mesmo, enriquecendo com essa leitura extra as leituras que foram feitas dos seus textos ditos ficcionais ou poéticos. Trata-se, ainda, de configurar as aproximações e contradições ideológicas que se tornam salientes quando o texto da ficção e o da memória são analisados contrastivamente (SANTIAGO, 2002, p.196).

A análise parte da relação intrínseca entre Rodrigo S.M. e Clarice Lispector; e Clarice Lispector e Macabéa. Começamos pela primeira, logo apresentada na “dedicatória do autor (na verdade Clarice Lispector)” que, de acordo com Edgar Nolasco, metaforiza sobremaneira “*o papel – lugar da figura do intelectual brasileiro comprometido com a realidade cultural do país*” (2007, p. 43. Grifos nossos).

Na esteira de Nolasco, e na tentativa investigativa de melhor apresentar o intelectual biográfico das páginas do livro em estudo, destacamos uma questão importante que vai desde a apresentação do escritor-autor Rodrigo S.M. à crítica estabelecida aos intelectuais da época.

Nela o escritor-autor Rodrigo S.M. nos dá um retrato de sua figura enquanto escritor, intelectual, apesar de não se considerar como tal, assim como Clarice Lispector, caracterizava-se como uma amadora, pois “eu escrevo muito simples” afirmou em entrevista.³ Com isso, valendo-se do escritor-personagem Rodrigo S.M., Lispector zomba, brinca, dá uma gargalhada irônica na figura do narrador masculino de toda tradição narrativa brasileira anterior a ela, afirmando que *uma escritora mulher poderia lacrimejar piegas* (LISPECTOR, 1998, p. 20).

Assim, nosso trabalho procurou analisar a figura e o lugar do intelectual, não como detentor cultural, inalcançável, provido de *intelligentsia*, desligado de seu contexto histórico-cultural, mas sim propor uma releitura acerca dessa figura no mundo contemporâneo e da obra de Clarice Lispector.

³ Entrevista concedida ao programa Panorama cultural da TV Cultura em 1977.

Considerações finais

Por fim, após percorrer uma análise que toma texto e contexto, numa abordagem que deixa de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou lingüística para utilizar livremente os elementos capazes de conduzir a uma interpretação coerente da obra literária, privilegamos o modo magistral com que Lispector se posicionou diante da questão cultural no país. No qual o comportamento e discurso de seus personagens projetam uma realidade social e cultural singular, expondo o verdadeiro papel do escritor frente à história, “porque há o direito ao grito. Então eu grito. Grito puro e sem pedir esmola” (LISPECTOR, 1998, p.13) enfrentando assim, de maneira única questões como a da injustiça social brasileira e diferenças culturais gritantes, como se escritora necessitasse colocar para fora suas angústias e frustrações a respeito da problemática social e cultural brasileira.

Referências Bibliográficas

- [1] BRANDÃO, Antonio. DUARTE, Milton. *Movimentos Culturais de Juventude*. São Paulo: Ática, 1986.
- [2] EAGLETON, Terry. *Teoria Literária: uma introdução*. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- [3] FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 8ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- [4] GINZBURG, Jaime. Clarice Lispector e a razão antagônica. In.: Rita Schmidt (Org.) *A ficção de Clarice: nas fronteiras do (im)possível*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2003.
- [5] LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- [6] NOLASCO, Edgar Cézar. *Restos de Ficção: a criação-biográfico literária de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2004.
- [7] _____. *Caldo de Cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- [8] SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da Letras*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002.
- [9] _____. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- [10] SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- [11] UMBACH, Rosani. Em busca de Christa T. e a Hora da estrela: A escrita como tema. In.: *Expressão-Revista do Centro de Artes e Letras*. Santa Maria: UFSM, Julho-Dezembro, 2001. p. 117-120.